



POEMAS DE CONCRETO

transcrições entrevistas

26 jan, 2023

CLÁUDIO CABOCLO – ELE CANTA DANÇANDO

— Trabalho de marceneiro e pedreiro.

— Eu não fui ser caboclo de lança por causa do meu pai, não. Foi por causa do meu tio, irmão da minha mãe. Hoje eu sou caboclo de lança e eu brinco. A brincadeira veio do meu tio... e eu amava demais ele.

(começa a chorar)

— Eu nunca acompanhei ele de caboclo. Minha mãe não deixava, porque eu era pequeno.

— Minha mãe dizia assim: “Meu filho é caboclo de lança”. Ela nunca ia saber que eu ia ser mesmo. Quem era caboclo de lança era o irmão dela. E hoje eu tô no lugar do irmão dela.

— Vou chorar...

— Eu arrumo um trocado pra me manter, mas a cultura eu tô levando. Pra ninguém dizer assim: “O tio morreu e Cláudio não levou a cultura dele. Nem os filhos dele levaram a cultura dele.”

— Tenho uma filha. Até hoje eu moro sozinho, numa casa em Paulista. Eu sozinho. Moro na Rua 6, casa 5. Quando eu fiz minha casa, eu fui ser caboclo. Eu fiz minha casa com essas próprias mãos. Botei porta, botei grade, botei tudo com essas mãos.

— Desculpa...

(começa a chorar)

— Eu não tô na sarjeta, não... nãaaaao.

— A mulher me largou porque descobriu que eu era caboclo de lança. Levou minha filha. Ela é da Assembleia de Deus. Tô sem ninguém há dez anos.

— Toda mulher gosta de dinheiro... quem é que vive sem dinheiro? Quer um amor. Eu saio como caboclo, consigo um monte de dinheiro... e não tenho com quem gastar. Eu queria um abraço na minha esposa. Um abraço forte, assim... tão bom. O cheiro dela.

— Ela me abandonou quando descobriu que eu era caboclo de lança. E aí, como é que fica minha situação? Ela disse: “Nem que você deixe essa brincadeira, eu não quero mais.”

— Eu gostava dela... mas já faz dez anos disso. Dez anos é foda.

— Ela casou com outro rapaz, crente, da Assembleia de Deus. Mas eu tô feliz.

(palhaço triste e solitário)

— “Como tem homem safado matando mulher”... não aguenta perder. Eu podia até ter matado minha primeira mulher.

— Aí eu descobri que o cara que tá com ela é desempregado. Quem tá mantendo ela e ele sou eu: 170 reais de pensão.

— Eu digo: “A minha casa é tua.” E ela não quer.

— Eu pago pensão direitinho. Eu cato até lixo pra pagar a pensão pra ela.

— Todo o tempo que eu passei aqui... eu tô feliz.

26 jan, 2023

ALBANITA – BANQUINHA DE FOGO MANSO

— Cheguei aqui pela Sé com uns 13 anos. Vim ajudar uma senhora a fazer tapioca. Eu não sabia fazer nada, foi ela quem me ensinou tudo. Naquela época eram bancos de madeira, banquinho pequeno ou banco grande que sentava três pessoas. A mesa que a gente trabalhava também era de madeira.

— Fiquei ajudando ela um tempo e depois consegui colocar uma banquinha pra mim. Namorei o filho dela, casei e tive dois filhos. O tio do meu ex-marido, pai dos meus filhos, foi quem me deu um espaço pra trabalhar.

— Foi uma luta, porque meu ex-marido não queria que eu viesse trabalhar. Mas eu vim. Acho que ele não queria que eu trabalhasse aqui porque era onde ele aprontava. Mesmo assim eu vim. E até hoje eu tô aqui. Já faz 40 anos.

— Teve muita mudança. Fui trabalhar no Carmo, depois no Fortinho, porque aqui entrou em reforma. Faz uns nove anos tiraram a gente da praça e colocaram no convento, no estacionamento. Mas como tinha gente que falava palavrão, as freiras não gostaram. Aí colocaram a gente no Carmo. Ficamos dois meses ali e três meses no Carmo. Depois de muita briga trouxeram a gente de volta pra cá.

— Aqui era o lugar do artesanato e lá na outra praça era das tapiocas. Aí inverteram: colocaram os bancos aqui, trouxeram a gente pra cá e o artesanato foi pra lá.

— Criei meus filhos aqui. Tenho cinco netos. Minha filha mora em Portugal há cinco anos, e meu filho faz um ano e meio que tá fora. A barraca foi a Santa Clara e a prefeitura que deram. Agora a Coca-Cola tá negociando pra dar barracas novas. A gente paga o uso do solo e a DAM. Paga energia também. Quando fizeram a reforma usaram nossa energia e a conta veio lá pra cima. A gente pediu pra anular e desde então não estamos pagando energia.

— Um pessoal de São Paulo foi lá em casa filmar. Eu ensinei a fazer tapioca. Depois fui pra São Paulo ensinar também, passei cinco dias lá. Me levaram, me pagaram e ensinei a fazer tapioca e cuscuz “peitinho”. Dei treinamento pra eles. O tempero e o jeito de fazer é diferente. Mesmo com o mesmo material, fica diferente. Muitos clientes dizem que já experimentaram várias tapiocas aqui e voltam pra comer a minha.

— Agora também trabalho com acarajé. Muita gente faz a massa com farinha. A

minha é pura: só feijão, cebola e alho. Tem gente que coloca farinha pra render e deixar mais dura.

— É muita história por aqui. No carnaval eu trabalhava um ano sim, outro não. Esse ano vou trabalhar, porque faz dois anos que não teve carnaval. Se Deus quiser, em nome de Jesus. É puxado. A gente abre de manhã e vai até a noite. Eu sou a primeira que chega e a última que sai.

— No carnaval eu perco seis quilos, porque quase não como. Eu preparo tudo. Fica lotado aqui. Quando saio, ainda vou pra casa preparar mais coisa. A massa do acarajé eu só gosto do dia, não gosto de fazer muita e sobrar. Prefiro que acabe do que sobre. Todo dia preparo massa nova. Vatapá, caruru, tudo do dia.

— Teve uma menina que caiu ali na escadaria e morreu. Tinha 17 anos. Acho que faz uns dois, três anos... ou talvez cinco. Foi à noite. Chamaram o SAMU, mas ela já estava morta. A queda foi de lá de cima, é alto.

— Essa aqui é minha filha. Ela tem quatro filhos, eu tive dois e ela teve quatro. Fez 37 anos agora, dia 13 de janeiro. Eu pretendo ir passear em Portugal. Ela diz: "Mainha, tu não vai casar não?" Eu já casei duas vezes e não deu certo. Quero ficar solteira.

— Meu filho mais velho tem 38 anos. Essa aqui é minha neta, filha dele, que mora aqui.

— Minha filha quer que eu vá pra Portugal. O marido dela quer me conhecer. Eles estão vendo como fazem, porque são seis pessoas e criança paga inteira. Tem que fazer pacote, pagar aos poucos até conseguir ir. Os filhos dela são todos portugueses. Primeiro ela foi pra Alemanha, pra casa da tia. Já está fora há 15 anos. Nunca voltou. A gente só se fala por chamada de vídeo.

— Meu genro é uma pessoa maravilhosa. Trata ela muito bem. Quando ela estava grávida, mandava foto do barrigão e eu dizia: "Jesus, mulher, a mamãe não pode ir agora."

— Eu também não posso viajar agora porque uma funcionária que trabalhou comigo colocou um processo na Justiça. E meu ex também me colocou na Justiça. Ele quer minha casa.

— Quando consegui minha casa eu ainda estava com o pai dos meus filhos. Esse ex não tem direito, mas quer. Está rolando na Justiça, ainda não teve audiência.

— Teve um dia que cortaram a placa da minha barraca. Eu deixei inteira, trabalhei um dia normal, quando cheguei no outro estava serrada. Eu pensei: "Será que foi ele?"

— Ele trabalhava aqui comigo, era agregado. Eu agreguei ele e depois desagreguei. Era o único homem trabalhando. Não deu certo por problemas familiares. Passei 12 anos com ele. Faz sete anos que estamos separados.

— Ele fez uma sacanagem comigo: vendeu o carro e o combinado era dividir o dinheiro. Ficou com tudo. E ainda quer a casa.

— A família dele é maravilhosa, até hoje me dou bem com eles. Me chamam de cunhada. Só que eu não vou pra casa deles, né? Mas eles vêm aqui, falam comigo, mandam mensagem. O complicado é ele.

— Ele até colocou o próprio irmão na Justiça por causa da casa da mãe. A mãe deixou a casa no nome do filho mais novo, que era o único que não tinha casa, e pediu que ele deixasse os irmãos morarem se precisassem. O mais novo cumpriu o pedido. Mas o mais velho, junto com o do meio, colocou ele na Justiça.

— É pobreza espiritual. Deixa pra lá.

— Ele implicava com meus clientes. Tinha cliente antigo que não gostava dele. Depois que me separei, muitos disseram: “Foi a melhor coisa que tu fizeste, Albanita.” E eu também acho.

— O cliente chegava querendo conversar comigo e ele não gostava. Queria que eu só ficasse fazendo tapioca. Teve cliente que disse: “Não quero ser atendido por você, quero ser atendido por Albanita. Conheço ela há anos.”

— Eu ficava calada. Quando chegava em casa tinha discussão. Eu dizia: “Não mandei cliente nenhum falar nada.” Era coisa da cabeça dele.

— Depois que nos separamos, ele foi falar mal de mim para cliente antigo. E o cliente respondeu: “Quer ser meu amigo? Então não fale de Albanita. Eu conheço ela antes de você.”

— Aí ele ficava com raiva.

— Mas eu sigo aqui. Trabalhando. E feliz.

30 jan, 2023

GUILHERME – PALHA QUE VIRA PEIXE

— Eu tinha 15 anos quando me mudei pra Praça do Carmo. Minha mãe tinha câncer de mama. Ela bebia muito e teve um tempo que se internou. Eu fiquei muito preocupado, porque era só eu pra tudo. Meu pai me fez e me abandonou.

— Quando minha mãe faleceu, a gente morava de aluguel. A dona pediu a casa e eu já não tinha mais meus avós, não tinha ninguém por mim. Eu tive que sobreviver do meu jeito.

— Procurei casa de internamento, depois fui pra casa de acolhimento, mas saí. Eu queria uma vida melhor pra mim.

— Depois conheci minha esposa aqui no Carmo. A gente acabou tendo um filho. Criança não pede pra nascer, né? No começo eu tive que correr atrás das consequências. A mãe da minha esposa ajuda muito, mas eu sou o pai, sou o homem, tenho que correr atrás também.

— Pra não ficar parado, eu aprendi arte. Vivo assim. Desde os 15 anos moro na rua, mas graças a Deus nunca tirei nada de ninguém. Vivo pegando carinho das pessoas. Sei que Deus vai me abençoar.

— Fiz um curso aqui na Sé, com uma tapioqueira que me colocou. Em uma semana aprendi a fazer 158 tipos de rosas diferentes. Entrego carinho a toda pessoa. Sou conhecido aqui como “o da palha”. Já ganhei o título de melhor artista daqui, foi num concurso. Tinha vários artistas da palha, muitos. E a melhor arte foi a minha rosa. O prêmio era 150 reais, mais uma brincadeira mesmo.

— Graças a Deus eu vivo assim. O povo me ajuda, faço um bico ali, pego uma lata aqui, mas nunca deixei minha palha. Desde os 15 anos trabalho com arte.

— Eu agradeço muito a quem me dá atenção. Pra quem não tem família, atenção vale mais do que dinheiro. Mas hoje é assim que eu compro o leite.

— Meu filho tem um ano e nove meses. Ele não mama mais. Minha esposa tem 18 anos, eu tenho 22. Como eu perdi minha mãe cedo e minha esposa é muito nova, ela não teve leite suficiente. Ele estava tomando um leite muito caro. Eu tive que pedir ajuda em farmácia, em todo canto. Graças a Deus agora ele está tomando Itambé, um leite mais barato e mais fácil de encontrar. Já está comendo papinha, arroz amassadinho.

— Matar a tristeza de uma criança pra mim é muito forte... Ontem aconteceu uma coisa aqui na Sé que me marcou. Tinha uma mãe com quatro crianças. Eu só tinha três palhas. Ela pediu pra eu fazer um peixe pra cada um. Fiz três, mas ficou uma criança sem.

— A menina chorava muito. Eu vi as outras com o peixe na mão e ela sem. Desci a Ladeira da Misericórdia pra buscar mais palha, lá no mangue, no Varadouro. Pedi pra mãe esperar que eu ia trazer o peixe pra aquela criança.

— Ela só parou de chorar quando eu entreguei o peixe. Ficou tão alegre... Ter o carinho, a admiração de alguém é muito importante.

— Eu agradeço muito a atenção que vocês me deram.

— Minha esposa e meu filho agora estão na casa da mãe dela, lá em Peixinhos.

— Essa aqui é a palha de coco.

30 jan, 2023

ROSA – PERFUME PRA SOLIDÃO

— Eu gosto muito de hip hop. Tenho um primo que canta, mandei ele fazer uma música sobre a comunidade, sobre o ônibus, sobre os idosos... porque idoso é muito importante. Ele não fez e perdeu a chance, mas eu fiz dentro do ônibus.

— Eu vendo pipoca também, mas ainda não estou vendendo porque tem muita gente vendendo água e pipoca por aqui. A primeira vez que tentei vender, um carro bateu em mim, aí eu parei um pouco.

— Eu penso em lançar coisas novas: roupa, brinco, modelo diferente. Gosto de falar de “barucho”, que são roupas estilosas, tipo modelo de São Paulo e Rio de Janeiro. Se rasgar, dá pra consertar e fica nova.

— Também penso muito em saúde. Por exemplo: leite de burra é bom pra gastrite, picolé de morango, sandália ao meio-dia pra ficar descalça um pouco... malhar é importante. Roupa de malhação também é sucesso.

— Casal que casa não deve brigar. É importante ser fiel, mesmo na dificuldade.

— O advogado julga, planeja, organiza. Eu tenho processos para receber. Já falei da juíza da sexta vara, Ana Paula Assunção. Minha mãe foi juíza também, mas faleceu.

— Eu trabalhei em restaurante e alguém me internou à força. Eu não entrei com processo, mas debateram muito comigo. Depois me soltaram.

— Tenho família na Polícia Militar, muitos sargentos. Se tiver advogado público que possa me ajudar, eu posso dividir metade por metade. Antigamente meu tio trabalhava no Globo Repórter.

— Moro aqui há quatro anos. Moro sozinha, sou independente. Quero alugar um lugar só meu.

— Eu me divirto indo para a cidade, às vezes vou para Boa Viagem, tomo uma cervejinha. Praia eu gosto às quatro da manhã.

— Tenho 44 anos, sou de outubro de 1979. Já pesei 110 kg, mas comecei a comer charque e emagreci. Charque é sucesso, estica o osso (risos).

— Pepino é bom pra pele, pra não ter rugas. Cebola vermelha também. Milho de manhã cedo eu adoro. Danone também é bom antes de ir pra praia.

Creme dental na praia queima um pouco, mas limpa bem os dentes. Óleo de coco é ótimo pro cabelo ficar cacheado.

— Macaíba de manhã cedo, descascadinha, é maravilhosa pra pele. Mas tem que esperar uns dias pra ver o resultado.

— Eu gosto de dar presente. Já dei mais de 30. Se eu olhar pro seu pé, sei qual sandália combina. Gosto de perfume também.

— Queria que vocês viessem quarta-feira, vou mostrar lançamento de brinco novo, pra homem e mulher. Queria representar vocês, mostrar documentos, fazer projeto pra prefeitura, fazer sopa na comunidade.

— Se a gente se juntar, cada um compra uma caixa de cerveja, faz churrasco, faz projeto social. Eu posso representar, tenho documento do meu pai, que foi da Polícia Militar.

— Sou doida pra conhecer São Paulo. Vocês têm muita oportunidade lá. Mas é perigoso também.

— Se vocês conseguirem advogado lá, podem me ajudar com meus papéis. Eu garanto assinatura, conheço sargento.

— Adorei conhecer vocês. Quarta-feira tragam meu presente (risos). Mas não é exigindo, não. Gostei muito da entrevista.

— Comam macaíba de manhã cedo, passem óleo de coco no cabelo, cuidem da pele. E pensem no projeto, viu?

— Muito obrigada. Bom dia pra vocês.

31 jan, 2023

BAIANO DO BARCO

— Sou de Salvador. Cheguei aqui em 2016.

— Hoje eu atravesso o pessoal de barco, da Praia do Quartel pra Ilha da Amizade, o Dubaizinho.

— Vandir abriu o bar e eu comecei a fazer as travessias. No dia mais fraco, faço umas cinco, seis viagens, ida e volta. Do lado da praia eu conheço todo mundo.

— Eu jogava dominó com Vandir. Antes de começar a atravessar o povo, eu trabalhava lavando carro no estacionamento da praia. Já trabalhei também no bar da praia, sempre por aqui, na mesma área.

— Hoje eu atravesso só de vez em quando, nas lacunas de Seu Damião. Não tem como ter o bar sem as pessoas chegarem.

— Vim pra Olinda sozinho. A ideia era ir subindo, mas me apaixonei por Olinda. Só que Olinda tá abandonada. Em Salvador investem, aqui só roubam. Fizeram aquele banheiro amarelão ali, lançaram até um espelhão, porque a esposa do prefeito tava candidata a deputada. Aí você vai ver o banheiro da frente e nem terminaram.

— Agora tem mais polícia, a praia tá bem melhor. Mas a polícia nem pode fazer muita coisa, porque é tudo menor de idade. Teve aquele caso do alemão do cruzeiro, que foram assaltar ele, deram uma facada e ele morreu.

— Não gosto muito de pescar, não. Mas levo o pessoal e ajudo. Aqui dá pra pescar espada, sardinha, pampo — grande e carnudo, tem branco e preto — lagostinha. Agulhinha não tem não, mas tem uns peixes grandes.

— Peixe espada é difícil de pescar, porque ele briga muito. Se botar rede, ele começa a correr pro lado errado e não tem jeito. Tem controle de pesca também. No tempo de reprodução, se pegar, é preso.

— Às vezes eu vou de ônibus e volto pra Salvador. Dá umas 13 horas.

— Gosto de passar o carnaval em Olinda. Sei qual é o melhor. Já acompanhei 16 trios em Salvador, quando eu tinha 15 anos.

— Roubozinho que nem aqui não tem, não. Quando os caras pegam lá, os caras são maus. Lá o pessoal fica preocupado é com bala.

31 jan, 2023

ZEZÉ E CÁSSIO – FEIJÃO, TERRA E POMBOS

Cássio:

— A gente é de Condado, que era distrito de Goiana. Terra do Cavalo Marinho, exatamente. A gente planta e também compra feijão. Mora na cidade, mas tem um sitiozinho lá em Condado onde planta. A gente vende feijão, maracujá, goiaba, macaxeira...

Ana Cátia:

— É que o carro fica ali com as frutas.

Zeze:

— A gente tá aqui terça, quinta e sexta.

Cássio:

— Três dias na semana. Faça chuva, faça sol. Eu comecei a vender com 7 anos. Comecei sozinho, não foi pela família. O único que vendia era meu tio. Comecei vendendo coentro na feira. Ideia minha mesmo. Eu queria ser independente. Tinha vergonha de pedir dinheiro a meu pai toda hora.

Zeze:

— Meu pai era de Vitória e a gente morava em Engenho Bonito, perto de Condado. Somos 12 irmãos: 10 mulheres e 2 homens. Meu pai trabalhava na cana-de-açúcar, na plantação mesmo, e a gente cultivava nosso roçadinho. Era muita gente e o salário dele não dava. Mas no quintal tinha de tudo.

— Depois de uns 50 anos morando lá, a gente conseguiu que aquele pedacinho de terra fosse nosso. Era da usina. Quem morava há mais de 50 anos ganhou seu pedaço. Arraes era como um deus pra gente. Ele fez muita coisa pelo povo de lá, deu direitos que a gente não tinha. Meu pai era apaixonado por Miguel Arraes. Faz seis anos que ele morreu.

— Meu pai contava que, no fim do mês, às vezes não recebia nada, porque ficava devendo na barraca da usina. Era tudo muito difícil. Mas ali a gente plantava de tudo: fruta, tinha poço de água, água natural. Era uma terra muito suada.

— Depois o pessoal começou a sair do engenho porque era muito longe. Fizeram acordo, pegaram um dinheiro e vieram pra cidade. A gente continuou lá. Ficou

difícil, cana de um lado, cana do outro. Meu pai não pegou o dinheiro, deixou a terra. Todo mundo recebeu, menos ele. Ninguém podia mexer. Agora meu irmão tá lutando por isso, porque a usina voltou a replantar tudo de novo.

— Mas ele conseguiu um pedaço num assentamento. Lá cada um ganhou sua terra. O sítio dele é lindo. Planta de tudo. Eles colhem e vendem na feira de Condado. Muita fruta: manga, jaca. Verdura é mais difícil, então às vezes vêm pra Ceasa.

Cássio:

— Lá no assentamento já tem pra quem vender, pro governo, pras escolas.

Zezé:

— O que sobra vai pra feira. Eu convivo pouco lá porque tenho minha mãe, que vai fazer 92 anos. Ela ainda planta, limpa quintal, é apaixonada pela terra. Quando posso, ajudo aqui com o feijão. Ele também entrega em padaria.

— Com 18 anos eu vim pra cá trabalhar. Era muita gente em casa e pouco dinheiro.

Cássio:

— Tem máquina pra debulhar feijão, mas é cara.

Zezé:

— Na Ceasa parece que tem uma. Deixa limpinho.

Cássio:

— Isso aqui tudo, em meia hora tava debulhado. Eu só planto macaxeira, inhame e milho. O resto a gente compra ou troca.

Zezé:

— Lá o povo planta batata-doce, mamão, manga... tem troca entre eles. Aqui a gente aproveita tudo. O que limpa do feijão vai pros animais. Nada se perde.

— Trabalhei quase 40 anos em casa de família. Dormia no trabalho, tudo. Lá em Condado tinha um senhor chamado Seu João do Posto. Quando alguém queria emprego, procurava ele.

— Com 18 anos vim trabalhar numa casa aqui. Era um casal recém-casado vindo de São Paulo. Fiquei lá até uns 38 anos. Eles me trataram como gente, deixaram eu estudar. Eu só tinha a quarta série. Fiz supletivo no Valdemar de Oliveira, estudava escondido de noite. Em um ano fiz primeiro e segundo grau.

— Em 1991 fiz concurso pra copeira do Estado e passei. Quando chegou o telegrama, meu patrão abriu: “Você passou no concurso?”. Eu fiquei branca. Ele disse: “Minha filha, ela passou, vai nos deixar.” O medo deles era esse. Fizemos um acordo, continuei morando lá um tempo.

— Trabalhei no Hospital Otávio de Freitas, saía de casa 4h da manhã. Depois casei, tive minha filha aos 36 anos e saí da casa deles. Eles são donos do Olinda Shopping. Ainda fiz cobrança pra eles um tempo. Quando me desliguei de vez, me deram tudo certinho e me ajudaram a comprar minha casa. Ainda pagaram o colégio da minha filha.

— Hoje minhas duas filhas são formadas em Administração. A mais velha foi pra Portugal há três meses. A outra trabalha em Casa Forte e faz curso de Estética. Tenho 64 anos, 31 anos de Estado, estou de licença pra me aposentar.

— Minha mãe é minha rocha. 91 anos, vai fazer 92 dia 20 de fevereiro. Todo ano a gente faz festa. Somos muito unidos. Na pandemia ela pegou covid duas vezes, ficou fraca, mas não quis hospital. “Se eu morrer, quero morrer em casa”, ela dizia. Respeitamos.

— Meu pai morreu com 89 anos, do coração, por causa da Doença de Chagas. Quase 60 anos de casamento. Casaram num casamento coletivo da prefeitura, com a gente tudo ao redor.

— Minha mãe sabia tudo de mato. Qualquer dor, ela ia lá e fazia lambedor. Hoje a memória falha às vezes, mas foi uma vida de muita força.

Comentário geral:

— Aqui os pombos são gordinhos, pena brilhando. Diferente de São Paulo. Ficam bicando os sacos das vendas, até furam. No centro, na Praça do Diário, são mais judiados, doentes, porque comem mal. Aqui a gente até vê pombinho namorando, dá vontade de tirar foto.

31 jan, 2023

RICARDO – CATADOR DO FIM

— Uma visita... a gente pode passar qualquer situação na vida. Teve um que achou que era homem demais, saiu tocando fogo ali, tocando fogo em outra rua, em outro local. Tem uns que ajudam as pessoas, mas tem outros que não.

— Eu vi uma vez a viatura arrastar um menino. Ele tirou a maior “braba” dele. Tem uns que pegam qualquer pessoa na madrugada e matam. Já era.

— Esse ano mesmo mataram um rapaz, bem novo ainda. O carro da viatura viu ele — eu não sei o que aconteceu direito — só sei que puxaram a arma de dentro do carro e deram um tiro na cabeça dele. Os outros dois que estavam com ele correram. Um estava de bicicleta, largou a bicicleta e saiu correndo.

— Já morava por aqui na rua, sim.

— Eu sou uma pessoa que vai andando. Se minha barriga enche, pronto, já fico satisfeito. Quando estou com material guardado, faço café, faço lanche, brigadeiro... Deus tem me abençoado muito.

— Eu sei que essa fase vai acabar. Meu café parecia 24 horas, porque sempre tinha gente. Eu tinha uma prateleira com 12 garrafas, todas cheias. Não secava. Quem chegava já encontrava café.

— Fui aprendendo a conhecer as pessoas. Tem gente que precisa de ajuda, de uma palavra. Eu gosto de ser alegre, não guardo mágoa de ninguém.

— Uma vez um policial implicou comigo, disse que eu estava fazendo coisa errada. Eu falei: “Se eu estou roubando, me prenda. Agora eu estou pedindo, não estou roubando ninguém”.

— Eu vendia café num pavilhão. Me tiraram de lá porque liguei a torneira de água, só eles têm a chave. Eu precisava fazer café. Cada lugar tem sua regra, é igual na nossa casa.

— Perdi mercadoria, perdi dinheiro, mas Deus está no controle.

— Depois comecei a vender café com bolo, sonho de valsa, ouro branco, broa. Às vezes fazia promoção: compra cinco, leva seis. Eu gosto de fazer assim.

— Se eu fosse cobrar o que me devem, dava uns 10 ou 15 mil reais. Mas eu prefiro fazer de novo, trabalhar de novo.

— Eu não sabia ler. Aprendi depois. A escola não me ensinou, mas fui buscando. Minha mãe dizia: “Se não aprender a escrever seu nome, vai apanhar”.

— Eu leio a Bíblia. Se ela estiver fechada, não é nada. Aberta, é a palavra. A Bíblia eu consigo ler. Outras coisas já tenho dificuldade.

— O maior segredo é conversar com Deus. De madrugada é melhor, é silêncio. Quem quer falar com Ele, fala. Ele ensina até quem é analfabeto.

— Eu fumo cigarro, é o único vício. Já passei quatro anos sem fumar. A gente tem que aprender a controlar. A bebida também: se não controlar, ela controla você.

— Eu já fui preso. Era para cumprir sete anos. Fiquei pensando nas minhas meninas. Só podia ver uma vez por semana. Filha mulher é mais apegada ao pai. Filho homem quer ser valente, proteger a mãe.

— Tenho três filhas: uma de cinco, uma de seis e uma de nove anos. Pequenas ainda.

— Subi num pé de manga para pegar manga para vender e comer. O chão estava molhado. Caí. Fiz um corte grande. Fui ao posto, mas não tinha material para suturar. Fiz em casa mesmo, no seco, sem anestesia. Sofri muita dor.

— Sou barbeiro também. Já fui vendedor de ostra, de café, de espetinho, cachorro-quente, pastel. Trabalhei com muita gente. No carnaval de Olinda sempre tem movimento.

— Tem um senhor, um coroa baixinho, cabelo branco penteado para trás, que sempre me ajudou. Ele dizia: “Tu nunca me roubou, faz tudo certo”.

— Tem muita gente na rua que faz coisa errada, mas também tem muita gente boa. Eu sou verdadeiro.

— Hoje tudo é tecnologia. Tem câmera, celular. Eu mesmo não sei mexer direito. Meu primeiro contato com Facebook foi quando fui preso.

— Na cadeia aprendi muita coisa. Quase fiz besteira, mas Deus me segurou.

— Minha mãe hoje é evangélica. Mora na casa do meu irmão. Ele botou na justiça para eu não me aproximar da casa dela.

— Tem dia que eu recebo algum dinheiro e vou lá ajudar, comprar material. Eu só quero trabalhar e que experimentem o que eu faço.

— A gente tem que amar, viver, se alegrar. Se a pessoa te maltrata, se afasta. Se te ama, se aproxima.

— O amor é o maior de tudo. Se não tiver amor, não tem fé nem esperança.

— A vida é como uma criança aprendendo a andar: cai, levanta, tenta de novo. Deus segura a gente. Quem abandona Ele somos nós.

— Eu só quero sobreviver até onde Deus permitir, fazer minha vida, criar minhas filhas e trabalhar em paz.

31 jan, 2023

TATÁ – CRÔNICAS DE QUEM FICA

— Minha relação com Olinda é de amor e ódio. Sou de Maranguape 1. Sempre gostei de evento, show, festa, tudo. Depois de trabalhar em mil coisas, vim pro lado da produção. E hoje tô aqui, de paraquedas, gerente de bar.

— Saí de Maranguape faz uns 20 anos. Eu tinha um bar lá, com meu ex-marido. Bem novinha. Tinha sinuca, tinha um grafite de Erasto lá, um caboclo de lança. Erasto já era famoso, irmão de Naná. Ele morava numa rua perto e ia lá tomar café, coca-cola, me visitar.

— Toda sexta eu ia pra casa de Erasto. Ele não bebia mais. Parou quando morava em Olinda, depois de umas crises pesadas quando bebia. Decidiu parar. Só fumava. A gente ia pra lá, eu e as meninas — ele chamava a gente de “erastetes”. Mas era tudo pra paquerar Fabinho, a verdade é essa.

— Ele comprava seis cervejas pra mim. Minha missão era abrir os discos que ele ganhava, botar na radiola e dançar. Ele ficava sentado, morrendo de rir. Mas 11h da noite já mandava todo mundo embora, porque tava com sono.

— Passei muito tempo com Erasto pra todo canto. Grávida, inclusive. Até o fim da vida dele. Nas crises, o povo só mandava mensagem pra mim perguntando notícia. Eu morava uma rua depois da dele. Ele dizia que não queria ninguém, mas eu ia. Tinha vez que os CDs estavam todos espalhados num lençol porque, na cabeça dele, ele tava vendendo. Dizia que duas garças visitavam ele todo dia, junto com 150 pombos. Já tocou fogo em colchão. Era complicado. Sozinho.

— Teve o “Ressaca do Peneira”, lá no Mourisco. Barraram Peneira na porta. O segurança não sabia quem era. “Itamiris, pelo amor de Deus, Peneira tá barrado!” Eu: “Menino, é o dono!”. Quando foi subir pro camarim, barraram de novo. Virou uma gréa.

— Ele é assim, briga com todo mundo, depois fica de bem. Fica com ciúme, passa e finge que não vê. Quer que eu produza evento pra ele, mas eu não tenho tempo. Aí fica com raiva.

— Uma vez teve uma história da “paçoca” dele. Ele tinha feito cirurgia de hérnia e o povo inventou que quem achasse a “paçoca” ganhava mil reais. Eu e lago tomando conhaque de alcatrão com cerveja, quando disseram que a recompensa tinha aumentado. Lago achando que era a cachorra dele. Eu: “Não, menino, é a pitoca!”.

— Já passei por cada coisa aqui... Já chorei no velório errado. Fui pro velório achando que era de Tonho da Sé, mas tinha dois caixões. Fiquei chorando no primeiro, pensando no meu pai. Quando olhei pra trás, o povo todo conhecido tava no outro. Saí de fininho. Na hora do enterro, ainda fui descer a ladeira num carro sem freio. Pense numa cena na ladeira de Olinda.

— No São João, Peneira queria jogar duzentos reais na cara do prefeito. Dizia que não fazia nada com isso. Só tinha Rua da Palha, não tinha São João em canto nenhum. No último dia ele dizia “mais ou menos o movimento...”. Iago é igual. Eu digo: “tu tá parecendo Peneira”. Ele responde: “bar lotado não é lucro”.

— Grávida de Bebel, seis meses, fiz nove shows no carnaval. Trabalhei com Zé. Já conhecia a Orquestra Henrique Dias, a galera toda. Eu já tinha minha produtora, “Já Deu Certo Produções”. Escrevia projeto pra família Salu, pro Maracatu Piaba de Ouro. A gente foi pro CCBB de Carnaval em São Paulo, Rio e Brasília. Eu buchuda e 42 homens: Monobloco, Siba, Orquestra Henrique Dias, Eddie, Berlinda...

— Teve o dia do bonequeiro no avião, com querosene pra colar a cabeça do boneco. A aeromoça quase manda parar o voo. O boneco foi num voo, a cabeça ficou. No outro dia lá vou eu levar a cabeça pra Brasília. Virou piada, chamaram de “Tom Rocha”.

— Em Brasília esqueceram Erasto no aeroporto. Mandaram um táxi buscar. Depois começaram a chamar ele de “Macaulay Vasconcelos”, de “Esqueceram de Mim”.

— Vivi muita coisa aqui. Trabalhei de garçomete no Marola, vendi camarão, óculos, café, roupa. Fui morar em Maracaípe, fiz produção lá e voltei.

— Ano passado fiz evento no Mourisco com Kelvis Duran, foi uma bagaceira. Aí passei aqui no Bar do Amparo, achei lindo. Mande mensagem no Instagram me oferecendo pra produzir banda. Fui na inauguração. Depois Nilo me ligou.

— Eu disse: “vou trazer uma pessoa que vai deixar seu bar popular”. Foi um inferno no dia. Lotou. A gerente antiga vivia fora, e eu resolvendo tudo. Aí pensei: se já tô fazendo tudo sem receber, melhor ficar.

— E tô aqui até hoje. Ele fica com raiva, mas não me larga. Todo dia é um pau. Amor e ódio.

01 fev, 2023

BRUNO DA PALHA – ACASO E CASA

— Era mais fácil vender palha italiana porque a galera me conhecia. Mas também era mais difícil, porque todo mundo parava pra conversar e eu acabava demorando mais pra vender.

— Eu escolhi morar aqui. O pessoal diz que era pra ser, mas foi muito acaso. Eu morava em Floripa e tava pensando: “vou morar em Montevideú ou Buenos Aires?”. Pra tu ver. Aí rolou a Bienal da UNE aqui, acho que em 2013. A galera de Santa Catarina vinha de ônibus pra cá e eu pensei: “não vou pra Montevideú, vou aproveitar que eles estão lá e fico um mês”.

— Um ano antes eu tinha feito uma viagem de São Luís até Santa Catarina pelo sertão. Foram 56 dias. Carona até Aracaju, depois barco, carro, táxi, canoa, ônibus, a pé... muito cansativo. E quando você começa a viajar, não quer parar. Antes disso eu tinha ido pro Pará também.

— Aí pensei: “não conheço o litoral”. Então aluguei uma casa em Recife pra conhecer de Maceió até o Ceará. Foi assim que eu vim parar aqui. Eu nem sabia que Olinda existia, ignorância mesmo.

— Cheguei no centro do Recife no sábado de Galo, pra ficar num apartamento na Boa Vista, na Sete de Setembro, do ladinho do bloco. Um amigo tinha uma amiga, que tinha um namorado. Ela convidou a gente pra ficar na casa do namorado, sem contar pra ele. Quando ele chegou, tinha oito estranhos dentro da casa. No fim fizemos amizade e ele me chamou pra dividir aluguel, porque o outro morador tinha saído.

— Eu não queria morar no centro do Recife. Me lembrava Curitiba. Eu pensava: “não saí de lá pra morar em Curitiba de novo”.

— Meu primeiro amigo aqui foi João Afojubá. Na primeira semana ele me chamou pra morar na casa dele sem pagar nada. Fui ver, mas não me senti à vontade. Muito barulho, criança gritando, esgoto.

— Depois fui pra Pau Amarelo, morar com um casal e a filha. A casa era muito bagunçada. Eu dizia “deixa que eu limpo”, mas tinha coisa que eu não podia mexer. Não era só bagunça, era sujeira mesmo. Não tinha panela limpa. Eu dizia: “vou adoecer”. Ele falava: “vamo ver um filme, fumar um, amanhã a gente vê isso”.

— Quando eu comecei a fazer palha italiana, eu ainda morava numa pousada, o Hilton. Apreendi a fazer por telefone, com uma ex-companheira de Vinhedo. Era receita da família dela. Eu pensava: “ninguém vai comprar palha italiana de um cara cabeludo assim”. Ela deixou os ingredientes e foi embora. Um dia eu liguei: “como é que faz isso?”.

— Eu tratava como trabalho. Tinha minhas horas. Depois ia pro coco, beber. Às vezes chegava às 4h da manhã, doido, e pensava: “vou dormir até a hora de trabalhar”. Aí ia cozinhar a palha pra vender no dia seguinte.

— Eu ia vender nas duas paradas de ônibus. Das 17h às 19h. Quando o pessoal entrava num ônibus, eu atravessava pra outra parada, a dos Correios. Em 40 minutos vendi as 30 que tinha feito. No começo era só a tradicional, com Nescau. Depois que fui estudar gastronomia comecei a inventar sabores.

— As pessoas diziam: “você devia estudar”. Aí fui estudar gastronomia. Eu brincava que tinha vindo pra Olinda pra dormir.

— A parte mais bonita da palha foi no Amaro Branco. Eu fazia na panela da dona da casa. As crianças brigavam: “hoje a panela é minha, hoje a colher é minha”.

— Todas as casas que morei foram no primeiro ano. Uma vez eu disse: “tô procurando casa”. A mulher respondeu: “tenho uma, mas você tem que ir agora comigo”. Era 2h da manhã. Pensei: “quem é essa mulher?”. Mas fui. Ela me apresentou à dona e aluguei.

— Cássia, que me passou uma das casas, tava completando 10 anos em Olinda quando foi embora. Ela disse: “Bruno, promete que você não vai ficar 10 anos aqui. Olinda te prende”.

— Aqui todo mundo se conhece. Só não conhece quem é de fora. Minha esposa diz: quem é de Olinda é de Recife. Mas quem é de Recife não é de Olinda.

— Teve o dia que tomei um café italiano e comecei a hiperventilar. Pensei: “é o café”. Fui pro bar de Aloma e pensei: “o que desacelera? Álcool”. Tomei quatro cervejas pra conseguir conversar. Encontrei um amigo, vimos duas meninas. Ele foi embora com a amiga, eu fiquei conversando com a outra no poste. Vai fazer nove anos e meio que conheci minha esposa ali.

— Minha filha nasceu assim: a gente tava no Bloco dos Sujos, com a Banda Limpeza, que só toca música de novela no carnaval. Cada integrante vai fantasiado de personagem. Deu uma treta entre eles, fomos levar alguém pra casa. No outro dia acordamos lá. E a vida foi acontecendo assim.

01 fev, 2023

ALANA – CASA QUE VIRA LAR

— Ela fundou a casa depois que uma mulher trans morreu no Cais de Santa Rita. Aí criou uma casa de apoio pra acolher meninas trans que estavam em situação de rua, abandonadas pela família, agredidas, em risco.

— Hoje a casa fica em Casa Amarela e em Dois Irmãos. São dois lugares. Um acolhe 50, o outro 85. Recebe todo tipo de pessoa que quer sair da rua.

— Eu tô lá por causa do meu irmão. Ele não me aceita. A gente é tipo Tom e Jerry: não se bate. Se tá junto, é choque. Já aconteceu coisa feia, quase que ele me mata, eu mato ele. Aí eu saí de casa. Minha mãe ficou no meio disso tudo.

— Eu fui morar na rua. Aí conheci Dona Esmeralda, que perguntou minha situação. Eu expliquei. Ela perguntou se eu queria ir pra casa. Eu disse “quero”. Fui com 16 anos. Hoje tô com 24. E não quero sair de lá.

— Lá é como se fosse família. A gente estuda, faz curso. Pode fazer artesanato, cabelo, o que quiser. Mas tem regra. Passou do horário, não entra. Não pode levar ficante pra dentro. Se somos inimigas, lá dentro somos amigas. É muita gente. Se cada uma levar namorado, vira confusão.

— Já teve caso de um rapaz que enganava duas meninas de lá. Um dia com uma, outro dia com outra. As duas dizendo “meu namorado vai vir”. Quando ele apareceu... levou foi surra. Porque quem tava enganando era ele. Eu entrei no meio e disse: “vocês têm que perceber que ele tá enganando vocês”.

— Eu voltei a estudar. Parei na quinta e sexta série quando fui pra rua. Agora tô terminando. Estudo de dia e à noite saio pra dar uma voltinha. Tô fazendo curso de cabeleireiro também. Cabelo cacheado é um trabalho, viu? Definir tudo na mão. Pra cabelo liso eu já fiz curso, mas desisti quase no final. Tive que voltar e começar de novo.

— Não penso em abrir salão. Quero atender em domicílio. É melhor. Salão é muito gasto: energia, aluguel...

— Já fiz muito vídeo, pegadinha, já fizeram comigo também. Um dia um rapaz chegou dizendo que tava esperando um homem pra trocar uma “calça”. Quando puxou, não era calça não. Era pegadinha. Eu quase faço xixi de tanto rir. A gente participou sem saber.

— O povo vive me filmando. Eu dançando, fazendo palhaçada, quando vejo tem um celular na minha cara. Nem ligo mais. Já me acostumei.

— O bom é compartilhar a energia que a gente tem. Porque se não a gente vira prisioneira. E eu não quero ser prisioneira. Eu quero ser livre.

01 fev, 2023

MANUEL BEZERRA E GALEGO DA PARAÍBA

Manuel

— Eu sou de Surubim. Já fui pra São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina. Essas praias que eu falei eu cruzei tudo cantando nelas. Comecei em Santos, fui pra Peruíbe, atravessei de balsa, saí do Guarujá pra São Lourenço, Maresias, Ilhabela, Caraguatatuba. Dali já é Rio de Janeiro: Trindade fica à direita, Paraty à esquerda, pra quem vai na divisa. Você fala um trecho e eu conheço.

— A gente toca na Sé também, em Olinda. Tocar viola é profissão. Tem o poeta que escreve e tem o poeta cantador. Quem quer fazer repente e cantar, segue. Quem só escreve, escreve e canta decorado. A gente canta sem decorar.

— Eu era menino e meu tio tocava. Eu achava bonito. Tinha muita cantoria nas fazendas, nos sítios. Eu ia assistir, pegava nas violas dos cantadores e comecei a fazer uns repentes. Eles disseram: “Pode comprar uma viola e seguir na profissão que vai dar certo.” Eu tinha uns 10, 12 anos. Comecei a tocar uma violinha com 18. Fazer cantoria mesmo, nas casas, foi com 25 anos, em 1979.

— Na rua eu toco há muito tempo. Tendo saúde não tem tempo ruim. Tempo ruim é estar acamado. Pra mim todo tempo é bom. O melhor de tocar é na viola. (risos)

Galego

— Meu pai era da roça. Eu trabalhava na roça e, nas horas vagas, enquanto meus irmãos iam brincar, eu pegava um pedaço de madeira e ficava inventando verso sozinho. Sempre amei a natureza. Misturava com os passarinhos, com os animais, e tentava fazer um verso.

— Com 17 anos comprei um violão velho. Não sabia afinar, quebrava mais corda do que afinava, mas ninguém nasce aprendido. Comecei cantando canções, coisas escritas e decoradas.

— Um dia iam fazer uma cantoria de pé de parede — batizado, ano novo, natal, são João, sempre chamavam violeiros. Era tudo de improviso, muito profissional. Um dos violeiros adoeceu. Eu morava em Bezerros, perto da cantoria. Vieram me chamar. Eu não queria ir. Disseram: “A gente leva você.” Fui quase arrastado. Cheguei lá e cantei. O próprio violeiro disse: “Você vai cantar. Você tem dom pra isso.” Eu tinha 17 anos. Ele me explicou a viola direitinho e eu segui até hoje.

— Cantei em muito pé de parede. Em rádio também: João Pessoa, São Paulo, Gaze-

ta, Caruaru, Surubim, Camaragibe, Vitória de Santo Antão. A juventude hoje acompanha menos cantoria, estreitou muito. Os festivais também foram se acabando. A gente precisa mostrar o veneno quando sai pra cantar pro turista. Onde tem turista, a gente vai.

— Há uns quatro anos ainda tinha festival no Marco Zero, no Recife. Em Caruaru ainda tem no São João. Cantei em Fortaleza, em Alagoas.

— Eu sou 4P: nasci no Paraná, cresci na Paraíba, tô em Pernambuco e sou poeta. Nasci em Maringá. Meu pai conheceu minha mãe em São Paulo, depois foram pro Paraná e construíram família. Pequena, só 17 filhos. O primeiro parto foi no Paraná e terminaram de criar os filhos aqui.

— Meu pai deixou um terreno grande em Maringá. Um diz que vende, outro que deixa. Eu me calo. Já tô velho, pra que eu vou querer terra? Não sou minhoca pra comer terra. Tá lá. Maringá tá valorizada, qualquer terrenozinho é caro. É um hectare. Tá baldio. Por mim, deixa. Quando eu morrer, resolvem.

— Me explique o que é futuro. A gente nasce chorando. Dá o primeiro passo e já dizem: “Meu filho estudou pra ser doutor.” Trabalha, compra carro, relógio bom. Sai da garagem, vem um bandido e mata pra levar o carro. Que futuro é esse?

— Tenho dois filhos policiais e o caçula é piloto. Entrego a Deus. Mas que futuro tem? A vida é cada segundo. No fim, o homem que teve fazenda vai morar numa gaveta. Isso é futuro?

— Eu quero é viver. O que me dói é morrer sem conhecer o mundo. Já joguei na mega-sena. Meu sonho era ganhar e fazer uma casa móvel blindada, rodar o mundo pela terra. Subir e descer ladeira, conhecer cachoeira, passarinho, ponto turístico. Um ônibus, uma carreta com um motor potente, blindada. O bandido atirando e eu rindo, indo embora pro meio do mato tomar banho de cachoeira.

— Fui menino sapeca, mas nunca preendi passarinho. Já pensou? O passarinho tá aqui e, se quiser, daqui a pouco tá em Caruaru, comendo fruta, tomando banho de cachoeira. Aí você pega um estilingue e bota numa prisão. Meu filho prendeu dois, eu soltei. Deu quatro mil num curió, eu soltei. Lá em casa não tem gaiola. Liberdade é pra todo mundo.

— Um dia vi um homem com 60 passarinhos num viveiro pequeno. Liguei pro Ibama. Pedi pra soltar. Fui na reserva e soltei. Meio mundo de passarinho no ar.

— Se eu fosse passarinho e me botassem na gaiola, eu não cantava. Só comia quando o dono saísse. Galo-de-campina é assim: estranha a gaiola, fica triste e não canta. Liberdade é o que importa.

02 fev, 2023

DANI – TARIMBADA EM OLINDA

— Eu nasci em Bultrins, cresci no Tricentenário e hoje moro em Peixinhos. Sou tarimbada em Olinda.

— Morei ali perto da Pintor Manuel Bandeira, perto da antiga Caixa Econômica. Vivi muita coisa por ali. Ia muito pra Casa da Rabeca fazer trabalho de escola. Salustiano ainda era vivo, eu vivia lá. Quando Chico Science morreu, foi pertinho da minha casa. Eu fui lá ver o acidente. Comecei a comer caranguejo por causa dele, acredita? Antes eu não gostava.

— Trabalhei em restaurante em Boa Viagem. Comecei como ajudante de cozinha, depois virei cozinheira. Hoje estou estudando técnico de enfermagem.

— Engravidei na escola, com 15 anos. Muita gente achou que eu ia parar, mas não parei não. Terminei o colégio levando minha filha pequena comigo. Os professores me acolheram muito. A diretora dizia: “Pode vir, não deixa de estudar não.” Eu ia assim mesmo, pegava um, pegava outro no colo, e terminei os estudos desse jeito.

— Tive três filhos até os 24 anos.

— Meu primeiro marido faleceu de leptospirose, 11 anos depois que nasceu minha primeira filha. Foi muito difícil. Eu deixava meus filhos em casa e ia fazer faxina. Trabalhava onde aparecesse. Hoje só trabalho nas casas onde construí relação ao longo desses anos.

— Minha filha mais velha é esteticista, tem o próprio salão. Meu filho é produtor musical. A mais nova trabalha numa praça de alimentação de shopping, fazendo nuggets.

— Meu esposo atual é caminhoneiro. Antes de casar ele viajava muito, rodava longe. Agora faz mais capital-interior de Pernambuco. Transporta pallets, traz madeira do interior pra fabricar móveis no Recife e depois distribui pelo estado.

— No Carnaval eu trabalho sempre. Mas é no miolo de tudo. Fico nas casas fazendo serviço e assistindo o Carnaval passar. Religião e profano aqui é tudo misturado. Eu sou religiosa e adoro Carnaval. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Passa a procissão, a orquestra para, todo mundo se cumprimenta. Quando a santa passa, a orquestra volta a tocar — às vezes até segue tocando junto.

— Hoje eu também cuido dos filhos das pessoas para quem trabalho. Sereno,

Brisa, Laurinha, Aurora... Cresci fazendo faxina e criando meus filhos, agora ajudo a criar os dos outros também.

— A gente tá aqui trocando serviço e fofoca. E vivendo.

03 fev, 2023

EDNALVA DA ERVAS – LAMBEDOR DO TEMPO

— Eu compro as ervas. Minha história com elas começou com minha mãe. Ela não vendia todas que eu vendo hoje, só as mais caseiras: cidreira, poejo, alfavaca, mastruz, hortelã, agrião... essas verdes. Com o tempo eu fui aprendendo e conhecendo outras.

— O que mais sai aqui são folhas pra lambedor. Hortelã graúda, mastruz, agrião, alecrim, malva-rosa... essas que vão no lambedor. Em segundo lugar vêm as de inflamação, pra útero e ovário: quixaba, caju roxo, barbatimão, raiz de orquídea branca.

— Chama lambedor porque é um cozinhado das ervas com açúcar. Coisa do pessoal do interior. Toma uma colherzinha.

— Eu vendo tudo fresco. Esse aqui veio de Gravatá. Quando eu era criança, a gente colocava folha de canela no chão e todo mundo dançando e pisando... subia aquele cheiro. Eucalipto também, mas a canela cheira mais, porque é mais fina.

— Isso aqui é semente de sucupira. Inteira não faz efeito, tem que quebrar. Ela solta um líquido, o povo usa no biotônico ou no vinho branco. É pra dor, inflamação, artrite, artrose, reumatismo.

— Aqui é noz-moscada, camomila...

— Conhece aquela bebida de barraquinha, misturada com aguardente? Leva junça, também chamada nó-de-cachorro. É pra debilidade nervosa, esgotamento, memória. Machuca e põe na bebida.

— Isso aqui é unha-de-gato, o povo usa pra mioma, no começo. Agora, doença avançada, é Deus e os médicos.

— Sucupira branca é a casca da árvore; aquela outra é a semente.

— Casca de angico...

— Essa aqui parece a mesma, mas não é. É catingueira. A raiz e a casca fedem muito.

— Isso é vagem — ou bagem — de ingá. Engraçado, né?

— Eu plantei um pé numa praça e nem sabia. Um rapaz me encomendou folhas,

fui procurar a catingueira e vi o ingá lá, verde. E ele não é tirado, cai.

— Meu avô viveu até os 100 anos. E se tivesse se cuidado, vivia mais. Minha tia também morreu com 100, lá no interior, numa brenha, casa distante da outra. O povo do interior vivia diferente. Hoje tudo é industrializado.

— Lá tinha engenho pequeno. Duas madeiras em pé, um alumínio, moía cana. Tinha caldo de cana na hora. O milho era moído numa pedra pesada, dois homens pra mover. Eu gostava demais.

— Morei um ano em São Paulo, na zona leste, Vila Industrial, perto de São Mateus. Fui em Itaquera também, tenho irmã lá. Eu sou curiosa. Não ando de ônibus cochilando. Fico olhando tudo. Penso às vezes: se eu tivesse a cabeça que tenho hoje quando era mais nova, eu não vivia parada aqui. Gosto de novidade.

— Até os 55 eu ainda pensava em estudar inglês. Se chega um turista, eu travo. Muitos perguntam pelo Marco Zero. Eu explico como dá, ensino a ir a pé, de ônibus. Acho importante ser útil.

— Gosto de conversar. Meu primeiro patrão foi aqui no Mercado de São José. Eu tinha 15 anos, vendia folhas verdes. Ele abriu um box de umbanda e colocou ervas que o povo nem conhecia. Me chamou pra trabalhar. Eu era jovem demais, não tive malícia pra seguir ali.

— Eu tô aqui, mas se eu quiser sair, eu saio. Vou pra São Paulo, pra casa da minha irmã. Deixo meu irmão e vou embora. Quando comecei aqui, meu antigo patrão do Mercado passou e disse: “Ah, você tá por aqui?” E eu: “Tô.”

— Nos dias de semana saio de casa 6h40. Pego ônibus, integração, metrô, outro ônibus. Chego aqui 9h. É sufoco. Tem dia que só tem metrô, dia que só tem ônibus.

— Teve um menino de 8 anos sem registro. Eu queria botar na escola, mas não queria registrar no meu nome. Conseguí falar com meu irmão, fui atrás de papel de maternidade e registrei no nome dele.

— O povo diz que pobre gosta de fazer menino. Antigamente diziam que era porque não tinha televisão. Agora é por quê? Minha neta tá grávida. Já tem um casal e não queria mais. Tava menstruando e nem sabia que tava grávida. Tem três meses. Faz meses que não vejo ela, anda com medo de mim porque eu sou grossa. Mas eu vou conversar, acalmar. Se Deus dá condição de criar dois, dá três. Ela sabe mexer com internet, trabalha. Vai precisar se afastar um tempo, depois volta.

— Fui ao Rio de Janeiro porque uma irmã da igreja pagou. Sempre viajei assim, nunca com condição própria. Ela faleceu. Fui pra Nova Iguaçu, Praia Vermelha. Se

eu não tivesse ido naquela época, não ia mais. Ela era solteira, aposentada, tinha aluguel de casas que os pais deixaram. Todo fim de ano dividia entre os irmãos. Ela me ligava e convidava.

— Ontem no ônibus conheci uma senhora indo pra Gravatá. Eu ia pra Camaragibe. O metrô tava muito frio. Chamei ela pra sentar perto de mim. Ela disse que não gostava de frio. Eu pedi perdão: “Achei que tava lhe fazendo bem.” Mas continuou congelado. Fiquei atenta pra avisar quando fosse a rodoviária. Depois que ela desceu, aí eu cochilei.

03 fev, 2023

IURI FRÔ – VIRGULA DE PARTO, JANELA DE HOTEL

— Eu trabalho com hotelaria há mais de dez anos. Estudei Turismo e, coincidência ou não, comecei a trabalhar na área no mesmo ano em que entrei na faculdade, em 2012.

— Meu primeiro trabalho foi num hotel perto do aeroporto, na Avenida Mascarenhas de Moraes. Antigamente era motel, tinha acabado de virar hotel. Naquela época a avenida era conhecida como a avenida dos motéis, muita prostituição também. Hoje diminuiu, mas ainda tem. Quando eu comecei lá já era hotel, mas ainda tinha muita confusão com cliente que achava que era motel.

— Eu trabalhava à noite e odiava. Saía do plantão direto pra faculdade. Virava a noite acordado e isso me deixava enjoado, mal. Descobri que eu preciso dormir à noite. Não funciona sem isso.

— Um dia chegou um casal com as netas, de Curitiba, justo quando tinha um grupo enorme ocupando quase toda a tela do sistema. Eu não achei a reserva deles. Ela estava lá, mas escondida no canto da tela — eu precisava dar um zoom que eu nem sabia usar. Eles começaram a me xingar, dizendo que eu era “nordestino sonso”, jogaram a mala na minha direção. Eu fechei a janelinha da recepção — ainda era estrutura de motel. A mala quebrou o vidro. No dia seguinte, fui demitido.

— Depois trabalhei na Central de Informação Turística da prefeitura. Aí um amigo me chamou pra trabalhar num hostel em Boa Viagem, o Piratas da Praia. Trabalhei lá até 2019.

— Aí entram as histórias recifenses de namoro que não deu certo. Levei meu ex pra trabalhar lá também. Quando a gente terminou, ele quis ficar. Eu disse: “Então fica, eu vou embora.” Pedi demissão.

— Fui ser Uber. De carro mesmo. No primeiro dia nasceu uma criança dentro do meu carro.

— Eu tinha dormido na casa de uma amiga na Avenida Norte. Acordei cedo, sem saber o que fazer. Liguei o aplicativo. Primeira corrida: Hospital Maria Lucinda até Beberibe. Fiz. Segunda corrida, cinco da manhã, o cara dizendo: “É urgência.” Fui morrendo de medo. Era uma mulher grávida.

— No meio do caminho, passou numa lombada e ela disse: “Nasceu.” Eu parei o carro, olhei pra trás e o bebê estava lá, dentro da calça dela. O marido desceu do

carro e foi embora buscar as coisas do parto. Eu fiquei com ela. Liguei pra polícia, não sabia direito como funcionava. Não sabia nem dizer onde estava. Desliguei no desespero.

— Ela ainda pediu: “Tira uma foto minha.” Eu lá, tirando foto. Depois levei pra maternidade Barros Lima. Cheguei dizendo: “Tem uma mulher que pariu no meu carro.” Veio a equipe inteira. Eu não recebi nem os 9 reais da corrida. Paguei 120 pra limpar o banco. Prejuízo total.

— Fui Uber por mais um mês e desisti. Não conseguia ficar horas dirigindo.

— Dez dias depois fui visitar o bebê, Pedro. Fiz até o mapa astral dele no dia — virgiano com ascendente em virgem. Tinha que nascer na hora que ele quis. Levei presentes. Fui no aniversário de um ano. O pai dele deu em cima de mim, segurando minha mão. Eu disse: “Você não tem vergonha não?” A mãe dele, maravilhosa.

— Eu morava na Boa Vista, na Mário Melo. Comecei a andar de bicicleta pelo bairro e vi essa casa. Primeiro pensei em abrir uma floricultura com uma amiga: Frô Flores. Não foi pra frente.

— Aí falei com Paulo, dono do Piratas da Praia: “Vamos abrir um hostel?” O negócio dele estava decaindo, ele demitindo gente. A gente sem dinheiro nenhum, mas resolveu fazer a loucura.

— Hospedagem nessa área é marginalizada. Mesmo assim, decidimos. Só tínhamos dois cartões de crédito. Abrimos em novembro de 2019. Veio o Carnaval. A diária lá em cima. Só que não tinha cama, não tinha ar-condicionado. Eu dizia na recepção: “Vende.” Check-in só depois das 17h. Pagamento só em dinheiro ou transferência. Eu pegava o dinheiro, entrava no meu carro, comprava ar-condicionado, colchão, trazia. “Pronto, seu quarto está pronto.” Foi assim que montamos tudo.

— A gente gastou todo o dinheiro e os limites dos cartões. Logo depois veio a pandemia.

— Foi ladeira abaixo. Zero hóspedes, muitas dívidas. O governo não deu ajuda nenhuma. Nem auxílio emergencial eu consegui, porque tinha declarado imposto antes. Disseram que minha renda anterior era alta demais. Minha mãe recebeu. No ano seguinte, quando fui declarar imposto e coloquei ela como dependente, apareceu a cobrança do auxílio dela pra devolver. Tirei ela de dependente na hora. Eu virei dependente dela.

— Comecei a fazer pão pra vender. Os donos da casa foram anjos. Reduziram o aluguel em 2020 e 2021. O valor só voltou ao normal agora, subindo aos poucos.

— A gente sobreviveu. Na marra, mas sobreviveu.

03 fev, 2023

FÁBIO AMOLADOR – O FIO QUE PASSA DE MÃO EM MÃO

— Eu estou aqui há 20 anos. Tenho 30 anos. Esse ponto não é da família, é alugado. A lateral é da loja, a entrada é por ali. Todos esses lugares aqui são alugados da loja, não é nada que vá passando de geração para geração.

— Quem alugou foi meu pai. Eu vim trabalhar com ele e acabei ficando. Hoje sou eu que toco aqui sozinho.

— O pessoal pergunta muito se ainda tem trabalho como antigamente. Tem sim. Continua vindo bastante gente. O que mais aparece é alicate, faca, tesoura... alicate de unha, de cabelo, coisa de barbeiro também, mas barbeiro mesmo hoje é mais coisa de salão.

— Antes da pandemia tinha muita barraca ao redor do mercado. Era barraca de tudo: ervas, folhas, comida... Na pandemia a prefeitura tirou e deslocou o pessoal para trás do mercado. Muita gente achou que tinham expulsado todo mundo, porque quando chega aqui e não vê mais nada, assusta. Mas foi remanejamento.

— Aqui é tudo história. Tem gente das antigas. Teve ponto que veio do pai, o pai faleceu, o irmão também, e agora estão ensinando o filho. Vai passando a história, vai passando o território.

Luciano

— Eu estou aqui desde pequeno. Meu pai trabalhava com pintura de apartamento aqui na cidade. A máquina foi viajando, já passou por vários lugares até vir parar aqui.

— A gente morou um tempo pelo Cruzeiro, em Amaro Branco, depois foi saindo mais do miolo. Foi difícil ficar longe do carnaval, porque a gente é muito carnavalesco. Ainda estou me acostumando. Morar no miolo era bom demais, dava pra ir pra casa andando e voltar rapidinho.

— Aqui muita coisa mudou depois da pandemia. Quem vinha antes sente diferença. Mas o movimento continua, o trabalho continua, cada um vai se ajeitando.

— E é assim, a gente vai ficando, vai trabalhando e vai construindo a própria história no lugar.